



1964: O fim da reportagem na Emissora Continental do Rio de Janeiro¹

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan²
Universidade Estadual de Londrina - PR

Resumo

Este artigo se propõe a mostrar como a chegada da censura, após o golpe militar de 31 de março de 1964, pôs fim a efervescente experiência de prática da reportagem na Emissora Continental do Rio de Janeiro. Inicialmente, o artigo mostra como surgiu e o que foi esta experiência para, em seguida, focar os problemas causados pela censura e o conseqüente fim da prática da reportagem na Continental. Como metodologia foram usadas a História Oral (entrevista com nove ex-integrantes da emissora), análise documental e pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave

Mídia Sonora; História do Rádio; Censura; Emissora Continental do Rio de Janeiro; Reportagem

A instauração da ditadura no Brasil em 1964 não somente cerceou o conteúdo do que era divulgado nos meios de comunicação, fechou veículos ou cassou emissoras. Na experiência do radiojornalismo debaixo das botas da censura ocorreu o banimento de uma das formas mais completas de estruturação da informação radiofônica: a reportagem. A história da reportagem no rádio brasileiro começa na década de 1950, época em que o veículo buscava recuperar-se da chegada da televisão, que levou seus profissionais, programas e verbas, e o fez buscar novos rumos, elegendo o radiojornalismo como um dos seus pilares de sustentação.

Se a época de ouro do rádio de entretenimento estava chegando ao fim com as primeiras transmissões da televisão, iniciava-se uma época de ouro para o radiojornalismo, que passa então a explorar a reportagem gravada e ao vivo, a transmissão das ruas e o imediatismo característico do veículo. Nessa experiência, uma das pioneiras foi a Emissora Continental do Rio de Janeiro que, com os “Comandos

¹ Trabalho apresentado ao GT de Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec, São Paulo, 2007.

² Flávia Lúcia Bazan Bepalhok possui graduação em Comunicação Social Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (1987) e mestrado em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Londrina. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Radiojornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: História do Radiojornalismo, Reportagem Radiofônica e Linguagem Radiofônica. flabespa@onda.com.br.



Continental” capitaneados por Carlos Palut, foi às ruas e cobria os fatos do começo ao fim, privilegiando a informação e a prestação de serviço. Com o golpe militar, a reportagem, que pressupõe informação aprofundada e variedade de fontes contrapondo-se à superficialidade da notícia, desapareceu do rádio brasileiro. Neste trabalho apresentamos a experiência da reportagem na Emissora Continental do Rio de Janeiro e como a censura implantada pela ditadura de 1964 decretou o fim desta modalidade de radiojornalismo. Para tanto, lançamos mão da técnica de História Oral na coleta de depoimentos de nove ex-integrantes da Continental (Saulo Ramos, Ary Vizeu, Carlos Alberto Vizeu, Paulo César Ferreira, Paulo Caringi, Teixeira Heizer, Jorge Sampaio, Afonso Soares e Celso Garcia), análise documental dos periódicos “Revista do Rádio”, “Radiolândia”, jornal “Correio da Manhã” e “Diário de Notícias” e pesquisas bibliográficas.

Rádio e Informação

Em momentos de liberdade de imprensa ou de cerceamento desta, o rádio e a informação sempre caminharam juntos. Desde os tempos do rádio pioneiro de Roquete Pinto e sua emissora, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro criada em 1923, que a parceria se estabeleceu. Na década de 1920 e 1930 o radiojornalismo se limitava à leitura de jornais impressos, como ressalta Klöckner: “Os locutores, chamados speakers, não faziam cerimônia em ler as notícias diretamente do jornal ou recortá-las destes”. (Klöckner apud Zucoloto, 2003, p.18)

Com o surgimento do Repórter Esso (1941) e do Grande Jornal Falado Tupi (1942), o jornalismo praticado nas emissoras brasileiras tomava novos rumos, com uma redação específica e formas de organizar a informação de maneira mais apropriada ao veículo. Entretanto, ainda era uma prática presa ao estúdio e baseada em notícias vindas das Agências de Notícias.

“O radiojornalismo que começa a se consolidar nessa fase tem, como principal, quase exclusiva, fonte de informações, as agências de notícias, que influenciam e ditam rumos ao jornalismo praticado no Brasil, especialmente o de rádio, e isso tanto no formato quanto no conteúdo”. (Zucoloto, 2003, p. 20)

A reportagem, com a presença do repórter na rua gravando ou transmitindo a voz das fontes ao vivo, só aparece na década de 1950. Uma das experiências mais



intensas de prática da reportagem é a da Emissora Continental do Rio de Janeiro, que montou uma equipe, “Os Comandos Continental”, sob a direção de Carlos Palut. Ary Vizeu (2004), que começou no rádio ainda na década de 1930 e passou por diversas emissoras, recorda que poucas tinham departamento de jornalismo e afirma que “a Continental é a história da própria reportagem”. Ele sustenta que nem emissoras de grande porte davam destaque ao gênero:

[...] eu estava na Rádio Nacional e ainda naquele tempo a Nacional fazia os pingos, homeopatia, coisa pequena de reportagem, não tinha esse negócio de sair pra fazer reportagem não, tinha o rádio com escuta ligada, tomava nota, cada um tirava uma notinha da outra estação e aí formava o jornal e soltava e pronto. (VIZEU, A., 2004)

A experiência da Continental

A bibliografia sobre a Continental e sua experiência com a reportagem é escassa. Entretanto é pródiga ao ressaltar a importância que a emissora teve para definir os caminhos do radiojornalismo no Brasil. Felice (1981, p. 68) aponta a Continental como a emissora que “marcou época com as transmissões externas”. Ortriwano (2003, p. 79) fala de profundas transformações na década de 1950:

Outra experiência dentro da estrutura que estava sendo sedimentada no radiojornalismo marca o início de modificações profundas nos jornais falados quando a Rádio Continental do Rio de Janeiro torna-se a primeira emissora brasileira especializada em reportagens externas, uma criação de Carlos Palut.

Para Moreira (2000, p. 36), a experiência de reportagem desenvolvida por Palut e pela Continental foi uma das bases para o estabelecimento do tipo de radiojornalismo que temos na atualidade: “A reportagem volante de Carlos Palut foi mais um passo na consolidação do radiojornalismo nacional”.

Antiga Rádio Clube Fluminense, de propriedade de Paulo Beviláqua, a Continental foi comprada por Rubens Berardo em 1948. Berardo confiou a Gagliano Neto³ a estruturação da emissora, que criou “um formato radiofônico novo: o de música-esporte-notícia, embora a rádio procurasse se concentrar mais na informação e na cobertura esportiva em detrimento da programação musical” (FERRARETO, 2000,

³ locutor esportivo, que dez anos antes havia realizado a proeza de transmitir, em cadeia nacional e direto da Europa, a Copa do Mundo de 1938.



p.139). Essa informação é confirmada por Carlos Alberto Vizeu (2004) quando sustenta que a música “entrava para tampar buraco” e era interrompida a qualquer momento para a veiculação de informação.

Chefiando a “Seção de Comandos e Reportagens” da emissora estava Carlos Palut, que é apontado como o responsável pelo início das transmissões das reportagens, inspirado pelas coberturas que a emissora passou a fazer do carnaval.

Foi ele [Palut] que trouxe essa coisa da reportagem, da cobertura de carnaval e que foi o embrião, a cobertura de carnaval na verdade foi o começo, foi o primeiro passo para o que ele queria fazer que era fazer a cobertura dos grandes acontecimentos, que depois foi feito. (Vizeu, C.A., 2004)

Jorge Sampaio (2004), que participou da primeira cobertura do carnaval, também atribui a idéia a Palut. Ele conta que Palut precisou convencer o então diretor geral da emissora, Gagliano Neto, a permitir a transmissão, e diz que a cobertura foi um sucesso que alavancou a audiência da rádio:

Em 1951, nós fizemos a primeira transmissão de carnaval do Rio de Janeiro. 1951. Ele [Carlos Palut] era um sujeito extraordinário, criativo, cheio de invenção, ele criava, ele realmente criava, e a Continental, para que você tenha uma idéia, há o seguinte, a Rádio Nacional ela era absoluta na época, então a Rádio Nacional era líder de audiência. A Continental estava lá no fim, na rabeira, depois que o Palut criou, a rádio Continental não ficou líder porque ela era uma emissora de potência pequena, mas ficou numa posição de destaque e à proporção que o tempo foi passando a Continental subiu.

Quem também participou dessa transmissão foi Afonso Soares (2005), que informa que a idéia de Palut era cobrir o carnaval à margem do carnaval, ou seja, “dar uma cobertura principalmente pra quem estava em casa. Isso ninguém acreditava que pudesse ser sucesso”. Mas foi. Segundo Carlos Alberto Vizeu (2004), durante o carnaval “o noticiário ficava relegado ao quinto plano”. Palut o colocou, então, em evidência, ou seja, em vez de falar apenas das escolas e dos desfiles, centrou-se nos fatos que ocorriam nos entornos do carnaval. “Depois, todas as rádios começaram a imitar a Continental, o estilo de cobertura porque foi uma coisa que, uma prestação de serviço” (VIZEU, C.A., 2004).

Na avaliação de Jorge Sampaio (2004), com a cobertura de carnaval, a Continental ganhou em audiência e em amplitude de ação. Ele compara o feito da emissora a “um gol de letra” e afirma que, a partir de então, aumentou o prestígio da rádio porque ela “ia até o fato, onde ele acontecesse estava um repórter presente”. A atitude de “ir até o fato” evidenciava a busca pela informação ampliada e, na avaliação de Carlos

Alberto Vizeu (2004), essa procura indicava uma outra preocupação que Carlos Palut já havia demonstrado na cobertura de carnaval: a prestação de serviço.

“A que está em todas”. Esse era um dos slogans da rádio Continental para o sistema de radiojornalismo implantado na década de 1950. Carlos Alberto Vizeu (2004) informa que “quando tinha um grande acontecimento a Continental caía em cima”. Daí a justificativa para o slogan. O dia-a-dia das transmissões passou a ser feito pelos “Comandos Continental”. Para dar agilidade aos “Comandos” nas transmissões externas, a emissora possuía dois microfones sem fio chamados de BTP. Nada parecido com os microfones sem fio que conhecemos hoje, portáteis e discretos, o BTP

tinha mais ou menos assim uns 40 centímetros de altura, 10 de largura, com duas alças de ferro. Era uma bateria e ele operava como um pequeno transmissor. Então um operador a uma certa distância, sintonizava o som desse microfone, até ajustar aquela sintonia e isso é que servia para nós fazermos as transmissões externas quando tínhamos que nos deslocar. (GOMES, 2004)

Apesar de grandes e desconfortáveis, os microfones eram, segundo Paulo César Ferreira (2004), “moderníssimos” para a época. “Era uma coisa terrível (risos), era o chamado BTP 1A, [e] o BTP 2A, que eram verdadeiros tijolos, imagina um tijolo, esse tijolo tinha duas alças e em cima tinha uma antena, você ligava e desligava pra falar. Era uma coisa brutal” (FERREIRA, 2004).



Figura 1 – O BTP em ação: Paulo Caringi entrevistando o presidente Juscelino Kubitschek.

Fonte: arquivo pessoal de Paulo Caringi

Além dos BTPs, a Continental possuía ainda dois carros volantes, o RC-1 (Rádio Continental 1) e o RC-2 (Rádio Continental 2). Os carros eram da marca Dodge e foram adquiridos por meio de permuta, ou seja, pagos com o anúncio da marca na emissora. Aí o motivo de mais um slogan: “Os ‘Comandos Continental’ usam carro Dodge porque não podem parar nem falhar”.

O RC-1 era um carro menor – uma camionete – e o RC-2 era um furgão. De cor azul e escrito com letras amarelas, os carros da Continental chamavam a atenção por

onde passavam e, segundo Baumworcel (2004), foram os primeiros do país totalmente equipados para transmitir reportagens externas. Saulo Gomes (2004) explica ainda que os carros possuíam equipamento de FM para viabilizar as transmissões:

Foi o primeiro equipamento de FM que nós conhecemos, acho que é isso que você está querendo saber, como nós transmitíamos? Então, transmitíamos direto desses carros em movimento, através dos aparelhos de FM, que não eram compactos, lógico, como os de agora, era um aparelho que correspondia mais ou menos a metade desse armário, nessa altura aqui, então um metro e meio de altura por uns 80 centímetros de largura.

De acordo com Paulo César Ferreira (2004), a transmissão que saía dos carros volantes era enviada para um “rebatedor”, situado no alto do Pão de Açúcar, de lá iam para a central técnica da emissora e daí para a torre de transmissão e, conseqüentemente, para os aparelhos de rádio.

Os carros RC-1 e RC-2 circulavam diariamente pela cidade. Um ficava encarregado de cobrir as pautas previamente agendadas e o outro percorria a cidade em busca do inusitado e do inesperado. A ordem de Palut era a de que os repórteres procurassem por assuntos de interesse da cidade e prestassem um serviço ao cidadão falando de incêndios, assaltos, desabamentos ou enchentes.



Figura 2 – Paulo Caringi transmitindo do RC 2.
Fonte: arquivo pessoal de Paulo Caringi

Essa preocupação com a prestação de serviço, na avaliação de Carlos Alberto Vizeu (2004,) fez com que a Continental se transformasse na “rádio mais moderna da década de 50. [...] Porque ela apresentou uma programação voltada pra uma coisa que hoje o rádio, **hoje** [ênfatisa] o rádio se preocupa, que é uma coisa chamada serviço. A Continental fazia isso desde 1950”. Essa tendência de preocupação com a prestação de serviço não foi uma exclusividade da Continental. A Rádio Jornal do Brasil também inicia, no mesmo período, o serviço de utilidade pública. Na avaliação de

Zucoloto (1998), o serviço foi sendo agregado ao jornalismo na busca de novos caminhos para o rádio depois do advento da televisão.

Pelos relatos dos entrevistados depreende-se que a Continental cobria de tudo, desde acidentes até feira livre. Teixeira Heizer (2004) fornece um exemplo de serviço que a Continental prestava e que a colocava ao lado do ouvinte:

Então, o Palut conseguiu ter sucesso nisso aí. Ele tinha coisas assim: Feira livre, ele ia lá, a equipe dele ia lá: ‘olha o tomate tá muito caro’, ‘esse pimentão está estragado’. Isso no ar, assim. Isso foi o maior sucesso, porque a dona de casa se sentia assim vingada. [...] Ele ia na padaria e dizia assim: ‘pesa o pão aí que eu quero ver’. Eles eram fiscais, eles eram tudo. ‘Pesa o pão aí’. ‘Ó, deu só 40 gramas, o senhor tá roubando, e tal’. [...] Então eles vingavam as donas de casa. E se tornaram bastante populares no Rio de Janeiro. E impuseram esse esquema de externas.

Nessa prática de externas, segundo Afonso Soares (2005), “não havia um fato que acontecesse no Rio de Janeiro que a Continental não tivesse presente”. Essa, aliás, foi uma fala recorrente entre os entrevistados. Pelos depoimentos, o slogan de “a que está em todas” realmente se verificava no dia-a-dia. A cobertura que se fazia, nas palavras de Carlos Alberto Vizeu, era “pegar um acontecimento, ter começo, meio e fim, e ele [Palut] não fazia a coisa pela metade, a Continental, ela parava”. Ficar no ar transmitindo um acontecimento do seu início ao fim era, portanto, comum na Continental. A programação normal era interrompida, num formato de programa que hoje se denomina Edição Extraordinária, e toda a emissora trabalhava em função do fato. Como exemplo dessa forma de trabalho, Saulo Gomes (2004) relata a cobertura de um acidente entre dois trens, na estação de Mangueira, em que a equipe ficou quatro dias transmitindo:

Nós fomos todos para o local e lá permanecemos durante quatro dias, cobrindo o acontecimento, acompanhando as equipes médicas. Muitas pessoas ficaram presas nas ferragens, às vezes eles amputavam braços e pernas no local para salvar as pessoas. [...] E assim era em todos os assuntos.

Nesse caso específico, além de repórteres na estação de trens de Mangueira, a equipe se espalhou pelos hospitais e pronto-socorros que recebiam os feridos, Instituto Médico Legal, casa de familiares, prefeitura e secretarias municipais. Para que a cobertura se viabilizasse em situações como essa, segundo Saulo Gomes (2004), o jornalismo precisava negociar com o departamento comercial.

A gente prosseguia o mais possível com a notícia. O Palut, que ficava na retaguarda, acertava com o comercial. O comercial avisava aos anunciantes que eles iam dar uma compensação depois. Havia momentos que se evitava dar o comercial pra gente não perder o embalo, porque éramos muitos de nós no ar naquela hora.



A chegada da censura

Essas reportagens que procuravam esmiuçar um fato do começo ao fim e colocavam muitas pessoas para falar ao vivo, começaram a perder força com a chegada da ditadura militar em 1964. Com a restrição da liberdade de pensamento e de informação, a censura foi minando qualquer tentativa de um jornalismo ao vivo e atuante, como o observado na Continental. Os problemas já começaram no dia do golpe:

no dia que rebentou a revolução, ele [Carlos Palut] se excedeu um pouco ao microfone e fez críticas aos militares, ao Lacerda, enfim, botou pra fora, porque o Palut era uma pessoa de pavio curto, não era uma pessoa de você poder controlar um pouco, às vezes o ânimo dele, o que tinha que falar ele falava no microfone e falava tudo o que tinha que falar. E nesse dia, no dia que estourou a revolução, ele falou até demais. (VIZEU, C.A., 2004)

Depois de ouvir a programação do dia em que aconteceu o golpe militar (31/03/64), o dono da emissora, Rubens Berardo, pensou em acabar com a reportagem. Carlos Alberto Vizeu (2004) relata que a intenção do proprietário era basear a programação no esporte, na música e “mais nada”. Isso só não ocorreu porque Ary Vizeu assumiu o jornalismo da rádio e da televisão Continental e passou a ficar responsável em verificar todas as notas antes de serem veiculadas. Carlos Alberto Vizeu (2004) conta como foi o diálogo com Rubens Berardo:

[Berardo] ‘Não, vamos acabar com a reportagem’, ele [Ary Vizeu] disse ‘não, o senhor não pode fazer uma coisa dessa, porque se o senhor fizer uma coisa dessa, vai ser uma desmoralização pro senhor e pra todas as pessoas que trabalharam até agora aqui, inclusive pra mim. Agora nós temos que fazer a coisa de uma forma correta, com uma certa acuidade. Vamos trabalhar. Já que mudou o quadro político, vamos fazer dentro das condições que tem atualmente, temos que fazer como todas as rádios estão fazendo, elas não estão se enquadrando? O senhor então enquadra a sua, não é verdade?’ Então foi dessa forma. Ele [Berardo] disse ‘não, só se você se responsabilizar’, e ele [Ary Vizeu] se responsabilizou ...

“Enquadrar-se” num regime que cerceia a liberdade é, como afirma Ortriwano (2006), adaptar-se ao jornalismo de natureza adjetiva, ou seja, aquele que privilegia a emissão indireta, com notícias frias, limitando-se a textos previamente redigidos, entrevistas editadas e curtas, ausência de opiniões e discussão de idéias⁴. Essa foi a realidade da Continental, comprovada pelas palavras de Carlos Alberto Vizeu (2004):

O senhor Ary Vizeu teve que assumir a rádio e a televisão de uma forma desgastante, porque ele chegava lá no primeiro horário e só saía de madrugada

⁴ Contrapondo-se ao jornalismo de natureza adjetiva, tem-se o de natureza substantiva, que “pressupõe a transmissão ao vivo, a emissão direta, feita simultaneamente ao acontecimento” (ORTRIWANO, 2006).

quando a rádio fechava porque **nenhuma nota**, tanto na rádio como na televisão saia sem o visto dele. (grifo nosso)

As notícias previamente redigidas, também chamadas de notas, dão a dimensão do tipo de jornalismo que passou a ser praticado. As entradas ao vivo não foram imediatamente abandonadas, mas passaram a ser rigorosamente controladas. Os repórteres começaram a receber instruções do que falar e quem entrevistar, como, relembra Ary Vizeu (2004): “Não pode falar. Fulano e Beltrano não existem pra gente. Acabou”. Carlos Alberto Vizeu (2004) completa:

O que ele [Ary Vizeu] tá querendo dizer é que as pessoas que pudessem criar problemas para a censura, trazer problema com a censura, ele não podia botar no ar, porque a Continental tava prestes a ser fechada. Ela não foi fechada e não foi lacrada porque ele [Ary Vizeu] assumiu o compromisso com o senhor Rubens de ficar na rádio pra ver nota por nota e não permitir que a rádio desse nada que fosse contra a censura pra não criar problema pra ele.

O dono da emissora, Rubens Berardo, foi deputado federal por duas vezes pelo PTB de Getúlio Vargas (de 1954 a 1962) e Vice-Governador do estado da Guanabara na gestão de Negrão de Lima, no período de 1965 a 1971. A Continental foi a primeira integrante de sua Organização que chegou a ter cinco emissoras de rádio (Continental, Metropolitana, Continental de Campos, Continental de Porto Alegre⁵ e Continental de Pernambuco), uma emissora de TV (TV Continental) e um estúdio de cinema (Flama Produtora Cinematográfica). A criação desse conglomerado, segundo Tavares (2005), foi possível graças ao “sucesso da Continental do Rio de Janeiro e pela facilidade com que conseguia concessões de rádio e televisão junto ao Governo Federal. [...] O projeto do proprietário da Continental era eminentemente comercial. Comercial e político”.

Nos primeiros dias após o golpe a emissora Continental chegou a ser invadida por soldados, como relembra Celso Garcia (2005):

Foi aquele negócio, né, pá, soldado lá dentro e metralhadora, pá, depois a coisa foi se acalmando e depois chegamos a conclusão que, aqui tem algum revolucionário ou contra revolucionário? Não, então acabou vamos fazer o nosso, pó. Cada um faz o seu e depois vamos pra casa.

⁵ No capital social da Continental de Porto Alegre constavam sete sócios: Ana Bezerra de Mello Berardo Carneiro da Cunha, Rubens Berardo Carneiro da Cunha, Carlos Berardo Vieira da Cunha, Murilo Berardo Vieira da Cunha e Guy Moraes Masset, que formavam o grupo “carioca” de proprietários. Entretanto, Endler (2004, p. 212) afirma que “Na verdade, a *Continental* terá como único dono o empresário e político gaúcho Victor Issler que aparece como sócio, com cinquenta cotas, assim como o filho, Leônidas Issler, advogado e industrial, com igual número de cotas.”



Celso Garcia (2005) também se recorda de ter recebido instruções, umas “bobagens”, do que não poderia ser dito no ar. Nesse período ele atuava no departamento de esportes: “não podia falar, é... chamar o Toninho de guerrilheiro, sabe, uns negócios assim. Tá proibido falar guerrilheiro, tá proibido falar... Tem outra coisa. Ah, o Paulo César, não pode chamar ele de PC. Sabe? Coisas assim, no duro, meio idiota”.

A emissora também passou a ter a presença constante de um censor. Garcia (2005) se lembra da “gestão” de Washington Vaz de Mello:

Não esqueço dele, não me esqueço dele. Advogado. Ele foi um cara muito bacana, ele chegou lá e reuniu o pessoal todo do jornal falado e disse: ‘Olha aqui, vamos conversar uma coisa, eu sou empregado igual a vocês, então eu quero que vocês não me criem problema, pra mim não criar problema pra vocês. Se vocês sabem quais são as ordens, o que vocês podem falar e o que que não pode, então me ajude que eu não vou perturbar vocês, eu não vou ficar lendo uma notícia inteira e outra, não. Primeiro eu quero ver como a coisa funciona, e depois vou deixar vocês à vontade’. E dormia lá, estudava, levava livro, estudava. Quer dizer o nosso sensor foi nosso amigo e nós fomos amigos dele.

Alguns dos profissionais da Continental não aceitaram tão pacificamente a intervenção no trabalho e as idéias do novo regime. Carlos Palut era constantemente perseguido pela polícia e segundo Ary Vizeu (2004) vivia se escondendo para não ser preso:

às vezes a polícia tava em cima, a censura queria botar a mão no Palut de repente, a gente sabia. Muitas vezes o Palut não sabia para onde ir. ‘Eu vou morar onde? Eu tenho que sair daqui’. A polícia tava na procura, três horas da manhã, duas horas, saía de casa... [...] Corria tudo assim nessa base, assim, essa coisa do mistério, um negócio muito sério.

A falta de liberdade do novo regime, a pressão do censor, a vontade de “se enquadrar”, de não ser “contra-revolucionário” e o medo do proprietário em perder suas emissoras fizeram com que as reportagens ao vivo, mesmo debaixo de rígido controle como já vimos, fossem extintas: “Com a revolução entra a censura e acabou” (VIZEU, A, 2004). Carlos Alberto Vizeu (2004) confirma:

Não só pode associar a revolução a isso [fim da reportagem de rua] como também você pode associar o seguinte, a entrada da revolução significa o fim da Rádio Nacional, o fim do Correio da Manhã, o fim da TV Rio, o fim da TV Continental, o fim da TV Tupi, o fim do Diário de Notícias, o fim da Última Hora, daí vai. A revolução destruiu a nossa cultura, a nossa informação, tudo nosso acabou...

Na opinião de Ary e Carlos Alberto Vizeu, depois do golpe de 64 o jornalismo da Continental passou a ser “de fachada”, “ficou um negócio de fantasia, sabe como é? De fantasia.” (VIZEU, A, 2004). Esse jornalismo “de fantasia” passou a



ser, então, abastecido por noticiário vindo de agências, principalmente a Nacional, como afirma Carlos Alberto Vizeu (2004): “O noticiário oficial pegava da Agência Nacional, acabou, tá aqui. A Agência Nacional deu, tá coberto né”.

A proliferação das agências de notícias nacionais, ocorrida na década de 1970, segundo Felice (1981, p.45), fez com que a função do rádio-repórter fosse subestimada. Sem uma atuação expressiva dos repórteres, as agências passaram a divulgar informação em massa para vários clientes espalhados por todo o país e “essa massificação da reportagem fez com que desaparecessem as grandes coberturas jornalísticas, a primazia que algumas emissoras chegaram a ter de transmitir aos seus ouvintes informações exclusivas, resultado de grande esforço de reportagem” (FELICE 1981, p. 46),

Ortriwano destaca, ainda, que não somente houve um desaparecimento das grandes reportagens, mas “sob censura, o jornalismo ao vivo não apenas perdeu espaço mas deixou de ter profissionais que soubessem exercê-lo” (ORTRIWANO, 2003, p.84). O fato de não dispor de profissionais que saibam fazer reportagem ao vivo é um ponto que nos chama a atenção nessa fala de Ortriwano. Os “Comandos Continental” desbravaram esse caminho, como já vimos, mas, no entender de Ortriwano, isso se perdeu.

Como consequência, repórteres, entrevistadores, moderadores de debates, comentaristas etc. quase deixaram de existir no radiojornalismo e, até hoje, continuam persistindo os efeitos negativos: toda uma geração de jornalistas não pôde exercer suas funções de acordo com os requisitos exigidos pelas próprias características do meio radiofônico. Com o processo de abertura política foi necessário dar voz não apenas aos ouvintes, os receptores das mensagens: foi necessário, antes de mais nada, que os profissionais da comunicação, os emissores, recuperassem seu direito a ter voz sem censura oficial e, situação paradoxalmente mais complexa, aprendessem a ter voz sem autocensura. (Ortriwano, 2006)

Depois de 20 anos de ferrenha censura, a volta da liberdade de expressão trouxe também o ressurgimento gradativo da reportagem. Ortriwano (2003, p.84) aponta emissoras como a Eldorado e Bandeirantes, da capital paulista, que veiculam “reportagens em capítulos em que o assunto é dividido em partes, levadas ao ar uma por dia, podendo ser repetida, em edição integral, no final de semana” (Ortriwano, 2003, p.84). Não se observa, entretanto, tantas coberturas ao vivo, como era rotina na Emissora Continental, mas o ressurgimento da reportagem mostra que parte dos formatos de estruturação da informação radiofônica, mesmo tendo permanecido “adormecidos” por um período privado de liberdade, tem ainda espaço para serem



produzidos e representam mais uma possibilidade que pode servir para melhorar o jornalismo radiofônico tanto em termos de conteúdo quanto na questão da forma.

Referências bibliográficas

BAUMWORCEL, Ana (Org). **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARINGI, Paulo. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 13 out 2004.

ENDLER, Sergio Francisco. **Rádio Continental AM: história e narrativas**, em Porto Alegre, de 1971 a 1981. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo.

FELICE, Mauro de. **Jornalismo de Rádio**. Brasília: Thesaurus, 1981.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 2000.

FERREIRA, Paulo César. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Bepalhok. Rio de Janeiro, 13 out 2004.

GARCIA, Celso. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Bepalhok. Rio de Janeiro, 20 jul. 2005.

GOMES, Saulo. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Bepalhok. Ribeirão Preto, 14 jul. 2004.

HEIZER, Teixeira. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Bepalhok. Niterói, 13 out 2004.

JAMBEIRO, Othon et al. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

KLÖCKNER, Luciano. O noticiário radiofônico na segunda guerra e a edição brasileira de O Repórter Esso. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 3., 2005, Novo Hamburgo-RS. **Anais ...** Novo Hamburgo: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2006.

_____. O Repórter Esso e Getúlio Vargas. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis-SC. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/midia_sonora2.htm>. Acesso em: 21 jan. 2006.

_____. **O Repórter Esso na história brasileira (1941-1945 e 1950-1954)**. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio**: fragmentos do rádio de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

ORTRIWANO, Gisela S. (Org.) **Radiojornalismo no Brasil**: dez estudos regionais. São Paulo: COM-ARTE, 1987.

_____. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Os (des) caminhos do radiojornalismo**. 1990. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo.

_____. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, v. 56, p.66-85, 2003.

_____. **Rádio**: Interatividade entre Rosas e Espinhos. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela_radio-interactividade.html>. Acesso em: fev. 2006.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

RÁDIO no Brasil, 1922-1990. Produção de Carlos Alberto Vizeu. Rio de Janeiro: Tele Tape, 1990. 1 videocassete

SAMPAIO, Jorge. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 14 out. 2004.

SOARES, Afonso. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 19 jul 2005.

TAVARES, Andral Nunes. A segunda emissora (I). **Folha da Manhã on line**, Campos dos Goytacazes, jul. 2005. Seção Sintonia. Disponível em: <http://www.fmanha.com.br/index.html?cod=199&lk=1&tpl=0&id=112741&edicao=2005-07-23>>. Acesso em: 15 set 2005.

VIZEU, Ary. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 12 set 2004.

VIZEU, Carlos Alberto. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 12 set 2004

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A notícia no rádio pioneiro e na “época de ouro da radiofonia brasileira”. In: CUNHA, Magda Rodrigues; HAUSSEN, Doris Fagundes. (organizadoras.) **Rádio brasileiro**: episódios e personagens. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 15-34.

_____. **A notícia no radiojornalismo brasileiro**: transformações históricas e técnicas. 1998. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. As transformações da notícia de rádio na fase pós-televisão. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.1, n.1, p. 34-45, abr. 2004.